

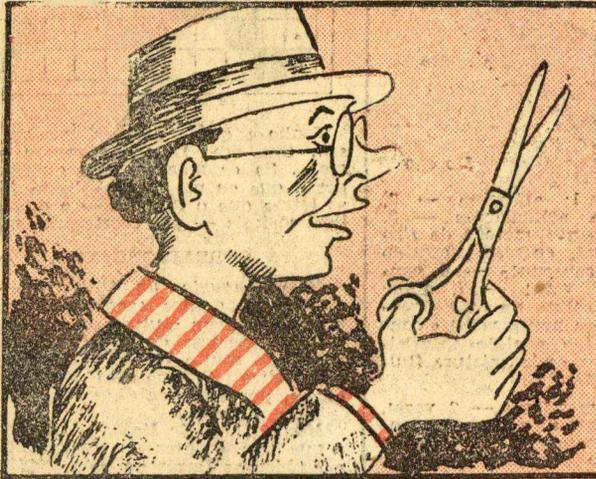


DIRECTOR
AUGUSTO

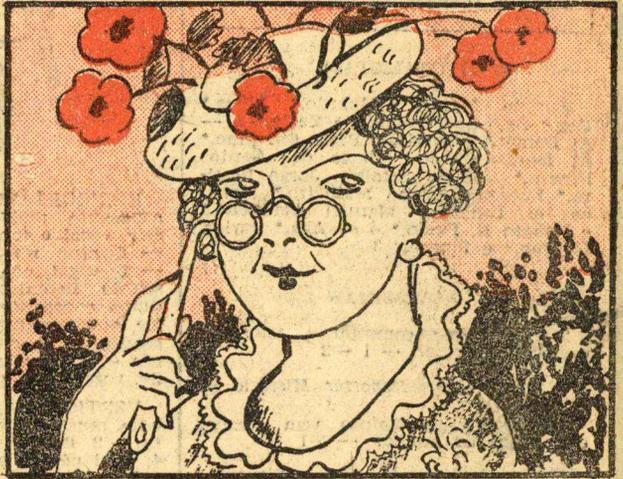
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

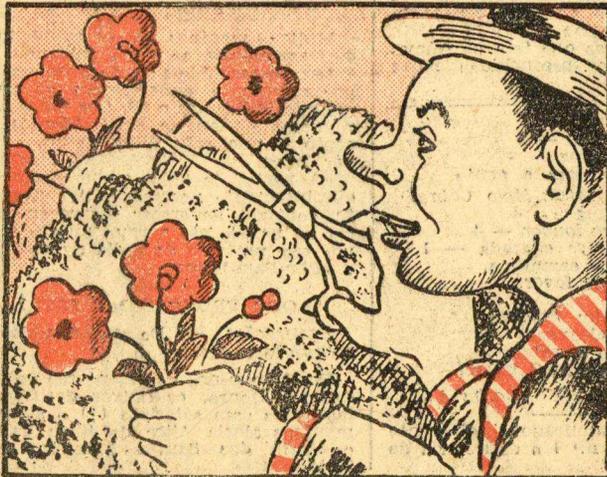
EQUÍVOCO NO CAMPO



I — Com uma tesoura em punho,
Rico Pico, todo lampo,
no dia 4 de Junho,
vai colhêr flores do campo,



II — Com seu chapéu de florinhas,
todo em papoilas,
Dona Ana
senta-se entre umas covinhas,
a gozar o panorama.



III — «Oh mas que belas papoilas
(diz, ao vê-las, Rico Pico)
para ofertar às moçoilas,
à noite, no bailarico.»



IV — Mas, a meio do serviço,
D. Ana, elevando o busto,
põe Rico Pico a fugir,
não ganhando para o susto!

Hora de recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

CHARADAS N.º 6

DECIFRAÇÕES DO N.º 2

1 — Lutador; 2 — Alberto — alto; 3 — Lamego — lago; 4 — Tormento — torto; 5 — Adem — Meda; 6 — Entrecalado ou intercalados.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Adriano Reis, Oliveiraribeiro, Piruças e Tomigas.

(TOTALISTAS)

Alfredo Matos, Galhardo.* Lince.* Rex.* Zé.* Zé Fernando e Zette.* 5 — Al Damei.* Almerinda Praia Carvalho.* Al Iequim.* Béu.* Dario dos Santos Frazão.* Homem Sombra, Jorge Pereira.* Lucas.* Luciano Malheiro.* Manecas & Tonecas.* Manuel Aguincha.* e Renato R. Paulo.* 4 — Aba.* Joviar.* Moreno.* e Pipocas, 3.

NOVISSIMAS

2) Logo que começou a falar ou outro a blasfemar. — 1-2

Reporter Mistério

1) Depois da traição vem sempre o remorso do traidor — 3-1

Piruças

COMBINADAS

- 3) 1 + de = Poetra
1 + cor = Odio *ran*
1 + ra = Malogra
1 + ge = Toca
1 + ro = Frustrado

Conceito: Mamífero

Ramon Novarro

- 4) 1 + lêr = tornar a lêr *re*
1 + do = flutuo
1 + ga = trage dos antigos romanos

Conceito: Nome de homem

Renato R. Paulo

NOVISSIMAS

1) — Depois da traição vem sempre o remorso do traidor — 3-1

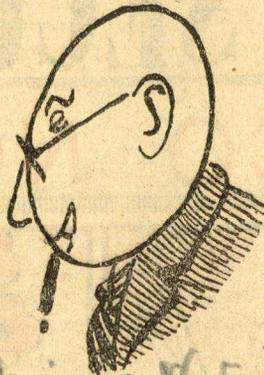
Piruças

2) Logo que um começa a falar o outro começou a blasfemar. — 1-2

Reporter Mistério

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 5



OKICSBETL Moreno

HORIZONTAIS: 1; alfombra — 2, consoante, andava, articulações — 3, sair, vogal e consoante, metade de fixo — 4 nota musical, enfezado, gemido — 5, vogal, aba consoante — 6, consoante, inventora vogal — 7, nome duma consoante, solida de base circular, que termina em ponta vogal e consoante — 8 gemido abelido interjeição — 9, consoante, onde mistura fluido, vogal — 10, genio.

VERTICAIS 1, mendigar — 2 vogal, nota musical, vogais de meia consoante — 3 decifrei, nota musical, onde — 4, aqui pároco lno atmosfera — 5, vogal, substancias dum amarelo avermelhado com que se dá cor ao queijo flamengo vogal — 6, consoante colarinho caído sobre os ombros consoante — 7 prefixo latino pessoa muito gorda, forma de tua ino — 8 interjeição de repugnância, duas vogais, parte posterior navios — 9, vogal soberano da Persia, contracção de pre, act. consoante — 10, osculo pequeno.

N. B. — As casas que tem os números não devem ser preenchidas neste problema.

Procura, rapaz, — 2 *catã*
Imediatamente, — 2 *logo*
Se a relação traz
Um prémio para a gente

Artur Melo Cabral

Eu não mereço louvor — 4
Por esta simples charada — 1
Tenham dó do camarada,
Votem nele por favor...

Seria para mim honroso
A distinção alcançar,
Portanto, toca a votar
Em mim Barba Azul guloso.

Barba Azul

O problema publicado juntamente com Charadas — n.º 4 é da autoria de Rex.

COMO SE CHAMA O MOMEM?

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

Tenho a honra de lhes apresentar o sr... Ora, ora! Lá me esqueceu o nome!... Se os meninos não querem esperar que eu me recorde basta juntar as letras que o formam — e que estão bem visíveis — até acertarem com ele.

CORRESPONDÊNCIA

João Augusto de Oliveira — Os enigmas de pontos (acrósticos, por extensão) ocupam muito espaço, não têm grande interesse charadística e, sobretudo são muito maçadores para quem os decifra. O que viu semanas escapou, por acaso.

Manuel J. S. de Matos — «O Século» é que tem agentes ou correspondentes em todas as terras do país, mas não o «Pim-Pam-Pum» isoladamente.

Gaspar — Já, que começou com este pseudónimo é conveniente conservá-lo pelos menos, até ao fim do campeonato.

Moreno — Ainda se lhe deu um jeitinho...

EXPLICAÇÃO

Muitos meninos tem mandado a correspondência repetida julgando não termos recebido por da primeira vez, por exmplo, a endereçarem ao n.º 43 quando indicámos o 59. Ora todos estes números pertencem a «O Século», excepto o que saiu ultimamente 39, por lapso.

A partir de hoje, embora não seja absolutamente necessário é conveniente, contudo, endereçar a correspondência ao n.º 63, isto porque muitos meninos tem preguiça de indicar que é para o «Pim-Pam-Pum».

QUE PROVERBIO É ESTE?

Decifração: — De noite todos os gatos são pardos.

Decifram-nos os detentores do Quadro de Honra, os outros decifradores marcados com asterisco (*) e ainda as meninas Maria Alice da Silva Valadas e Maria dos Santos Nascimento da Saude.

BREVEMENTE:

NOÇÕES ELEMENTARES DE CHARADISMO DEDICADOS AOS JOVENS CULTORES DA ARTE DE ÉDIPO E, ESPECIALMENTE, AOS PRINCIPIANTES

O PALÁCIO ENCANTADO

Por ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA



Q

UEM viveria naquele palácio misterioso, era a pergunta que trocavam os habitantes da Floresta Branca, cujo viver tranquilo era agora perturbado pelo mistério desse palácio, o qual fôra pertença dum Rei, que uma só vez nele estivera. Essa pobre gente, algumas vezes atormentada pelas aventuras do gigante negro que dominava todos

os reinos próximos com o seu exército de selvagens e que, de vez em quando, os visitava para lhes empregar os seus conhecidos meios de tortura, a-fim-de com eles conseguir o o que necessitava para os seus soldados-selvagens, estava agora interessada em saber quem viveria, assim com tanto mistério, no Palácio Encantado, lá longe, cuja grandiosidade impressionava e que era visto de todos os reinos próximos.

De dia, o portão estava aberto; do seu interior vinham uns ruídos estranhos que nunca se soubera de que seriam. A aproximação de alguém, êle fechava-se repentinamente, e, no mesmo instante, uma rajada de vento impelia para longe quem próximo dêle estivesse.

A noite, por encanto, o palácio oferecia um efeito deslumbrante com a sua iluminação grandiosa. O portão estava encerrado, mas ninguém dêle se aproximava, pois algumas vezes isso sucedera e, em seguida a um silvo agudo, talvez de aviso, a iluminação grandiosa desaparecia, e os ruídos estranhos surgiam, novamente.

Este mistério preocupava a população da floresta. Faziam-se suposições sobre a sua proveniência e havia quem dissesse que talvez no palácio vivesse a Princesa Encantadora que desaparecera do reino de seu pai, quando o gigante negro com os seus selvagens o fôra buscar, e o matara para conseguir roubar as suas fabulosas riquezas.

Dizia-se, mais, que a princesa prometera ao seu povo vingar a morte de seu pai.

Todavia, de concreto, nada se sabia.

Um dia, porém, o gigante é prevenido da existência do mistério no Palácio Encantado.

E uma noite, fitando a sua magestosa iluminação, êle próprio se certifica do mistério e, num palavriado de rancôr, promete que o há-de descobrir.

Escolhe dez dos seus mais fortes soldados-selvagens e resolve dirigir-se à floresta Branca, confiado em que os seus habitantes, atemorizados, lhe dariam esclarecimentos sobre a proveniência do mistério do Palácio Encantado. E assim fez.

Pôs-se ao caminho vagarosamente, rodeado pela sua guarda feroz, em direcção à floresta. A noite, entretanto, chegara, e, ao longe, como de costume, via-se já o Palácio Encantado com a sua misteriosa iluminação. O gigante, ao avistá-la, enfureceu-se mais ainda com a sua existência, que para êle significava uma afronta ao seu prestígio poderoso de senhor único.

E resolveu chegar à floresta a tempo de, conseguidos os esclarecimentos de que necessitava, ainda poder ir junto do palácio iluminado. A sua chegada, porém, mais ainda lhe fizeram reverter seus instintos ferozes. Ninguém nela se encontrava. A sua população, interessada também no descobrimento do mistério do palácio, dirigia-se para lá.

O gigante, como não encontrasse ninguém, ficou furioso, e, como vingança, mandou lançar fogo à floresta. Cumpridas as suas ordens, encaminhou-se para o palácio.

Entretanto, a população da floresta, que se encontrava já próxima do palácio, avista o fogo, e outra proeza do gigante é imediatamente compreendida por essas pobres criaturas que, na certeza de que seriam mortas, se êle os encontrasse, resolvem afastar-se, e colocar-se longe do caminho que ia ter ao palácio, e por onde, certamente, o gigante seguiria.

Fanfarrão, confiado na sua força o gigante, a pouco e pouco, aproxima-se do palácio.

Êste lá está imponente, com a sua grandiosa iluminação. Não se vê ninguém e o gigante parece surpreendido, porque esperava vir encontrar a população da floresta, e, com ela, naturalmente, poder ajustar contas.

Ordena aos soldados que arrombem o portão mas conserva-se um pouco afastado.

Os soldados cumprem a ordem; Entretanto, ouve-se um silvo agudo; o portão abre-se... e êles são arrastados para o interior do palácio, desaparecendo.

O portão ficara aberto, a iluminação continuava brilhante, e o gigante, orgulhoso e imponente, supondo que os seus soldados se encontravam já dentro do palácio, procurando a chave do mistério, para lá se dirige.

Porém, atrás do portão, encontrava-se o único guarda do palácio, uma enorme serpente. E, antes que o gigante vacilasse, ela, soltando o silvo agudo que fazia desaparecer a iluminação do palácio, atira-se a êle e domina-o depois duma luta furiosa, em que os gritos de raiva do feroz gigan-



(Continua na página 6)

A PANÓPLIA

POR
FRANCISCA DO CARMO COSTA

QUANDO Titoca, a carinhosa tia do Toninho, anunciou que o «tio de África» regressava à Metrópole, uma enorme alegria encheu toda a casa de gritinhos, cabriolices e de nomes dos mais terríveis animais ferozes. No meio do seu ruidoso entusiasmo, Toninho não fazia outra coisa senão perguntar:

— «Titoca, o «tio de África», trará algum leãozinho? Titoca, e se algum crocodilo se meteu dentro das malas sem ninguém saber? Quantos macaquinhos virão para a nossa casa? Se ele trouxesse uma zebra, eu não poderia ir passear, montado nela, para a Avenida?»

E nessa noite Toninho sonhava que era capitão, que comandava um enorme exército de pretinhos, levando atrás a mais terrível bicharada das selvas africanas e que, quando o tigre ou a pantera se faziam finos, querendo sair da forma, ele exclamava muito ufano:

— «O senhor Tigre meta-se na ordem, senão faço queixa ao meu tio.»

Todo este entusiasmo e o próprio sonho mostravam bem a grande amizade de Toninho pelo parente que, em família, se chamava «tio de África.»

O sobrinho nunca o tinha visto. O tio partira para a África, como médico, havia uns bons vinte anos mas raro se passava uma hora em que Toninho, desde que começara a falar, não deixasse de se interessar por ele.

— «Mande perguntar, Titoca, ao «tio de África»,... O tio havia de gostar de ver isto, saber aquilo e, etc.,...»

Não se dava um passo que se não falasse no parente distante.

Fôsse por tão grande amor ao tio, embora sem o conhecer, pois desde muito pequenino o imaginava medonhamente armado, em combates com gigantes negros ou animais ferozes, ou fôsse por qualquer manifestação de descendência, que guardasse o mistério das grandes vocações, o certo é que Toninho, com os seus nove anos, pos-

suía já uma grande paixão: o amor das armas.

Titoca só por grande ternura para com o sobrinho é que não se confessou aborrecida de tantas vezes, a pedido do pequeno, o acompanhar ao Museu de Artilharia.

— «Titoca, (dizia ele sempre entusiasmado, à saída) que bonitas espadas!... Que lindas lanças!... Como seria bom combater com aquelas armas!...»

E todo o seu sonho de criança, era possuir uma panóplia.

Claro está, o «tio de África» não podia deixar de conhecer esta grande paixão do seu sobrinho.

A chegada do médico colonialista puzera em festa e em movimento toda a casa.

A alegria de Toninho excedia a de todos, principalmente depois que soubera, pela



indiscrição de Titoca, que o tio não trazia na sua bagagem nenhum leãozinho ou um pequeno leopardo, mas não se esquecera duma cousa, para o Toninho, sobre todas, preciosa.

— «Já sei o que é, Titoca! Que bom! É uma panóplia!»

Toninho prometeu guardar segredo sobre a surpresa do tio mas no momento do encontro, passados os primeiros beijinhos e abraços, não se pôde conter que não gritasse, radiante:

— «Titio! É a minha panóplia?!»

O tio riu muito com o rompante do sobrinho e, depois de novos abraços e beijinhos, disse:

— «Gostei muito, Toninho, do teu interesse pelas armas. A vida é um grande combate. Durante vinte anos, lá longe, na nossa África, combati sempre o mal dos meus doentes. Tu, agora, lutas para obter boas notas nos teus exames. E mais tarde? Porque combaterás tu? Quais serão as tuas armas? Sejam quais forem, há pelo menos

cinco, cuja força tu deves conhecer. Com elas poderás sempre ser um homem capaz de lutar e vencer todas as dificuldades. Se não essas armas a tua panóplia.»

— «O' Titio! e essas armas matam?»

— «Não, Toninho. A história de cada uma dessas armas é a melhor resposta que poderia dar.»

E o tio, abrindo uma enorme mala, tirou de dentro um punhal com um cabo de marfim duma execução primorosa.

— «Vês este punhal?» — (disse o tio.)

Tem na ponta do cabo um formoso diamante. Era seu possuidor o chefe duma das tribus mais aguerridas. O punhal era todo o seu tesouro, porque nele se resumia a sua última esperança. Quando esta se lhe acabasse, mergulharia a lâmina no coração a sua alma iria ao encontro doutros mundos prometidos pelo seu feiticeiro.»

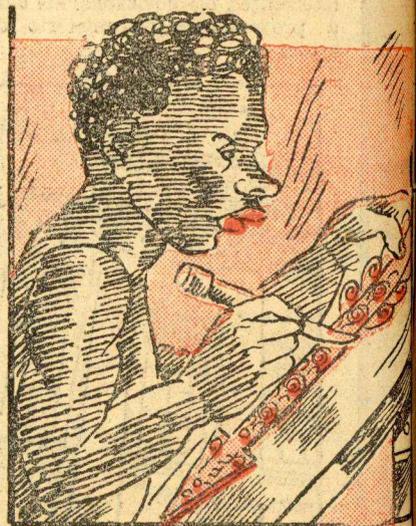
Tinha este guerreiro um filho do teu tamanho, Toninho, que era todo o seu amor. Um dia, o pequeno adoeceu gravemente. O pai, muito aflito, vencendo uma grande dificuldade, veio procurar-me para que eu fosse ver o filho. O doentinho estava, na verdade, muito mal. O valente guerreiro, na sua grande aflição, foi buscar o punhal, disse-me que com ele mataria a dor da morte de seu filho.

— «Farei tudo para salvar o teu filho, disse-lhe eu.

Dai a dias, o pequeno melhorava. Então, o pai veio trazer-me o punhal, dizendo:

— «Toma esta arma. A alegria que me deste com as melhoras do meu filho, fez-me pensar que nunca precisarei de o utilizar. Tenho tanta fé que ele será salvo, tão agradecido te fico para todo o sempre, que renuncio à posse dele. Ofereço-to, pois, juntamente com o meu escudo.»

— «Aqui tens, Toninho, outra arma. Tem também a sua história. Estas três flechas de marfim têm, como vês, um riquíssimo trabalho de arte. Só com muita paciência e alta devoção, inspiradora da assiduidade



Lenda dos Passarinhos

PO R F E L I Z V E N T U R A

(Primeira menção honrosa dos Jogos Florais da Primavera de 1937)

«O' mãzinha, os passarinhos,
que nos ramos fazem ninhos,
porque é que cantam tão bem?
porque será, minha mãe?
Francamente,
tal motivo
não consigo decifrar.
Porque será seu cantar
uma coisa tão diferente,
tão linda, tão atraente?
Linda, explica ao teu Bêbé
que ele anda meditativo
sem solução encontrar.»

Sorriu-se a mãe, ternamente,
por ver o seu Bêbézinho
assim tão sério e intrigado
e, abraçando-o com carinho,
disse muito docemente:

«Ouve, que eu vou-te explicar
esse mistério que faz
tua cabeça pensar.»

Como sabes, uma vez,
começou Nosso Senhor
a fazer uma obra linda
cheia de brilho e de cor.
Era o mundo e em pouco tempo,
nada mais do que seis dias,
fez as montanhas, os prados,
as florestas, os silvados,
o calor, as invernias,
o vasto mar, às estrêlas,

os variados animais
e muitas más
coisas belas
de que me não lembro agora.
Depois, foi por aí fóra
ver a obra que fizera.
Havia, então, muitas flores,



deliciosos odores...
Era em plena Primavera.

Quási à hora do sol pôr,
já depois de muito andar,
sentou-se Nosso Senhor
um momento a descansar
junto de árvores frondosas
e duma fonte cantante.

Perto, uma moita de rosas
ia espalhando no ar
um aroma inebriante.

Vai, então, Nosso Senhor,
cheio de pasmo sem par,
entre aquela paz tão doce
ouve a fonte chorar
numa voz que comovia.
Uma árvore, que havia
ali perto, disse assim:
«Porque é que choras, ó fonte?»
E ela com pesar sem fim:
— «Por não ter junto de mim,
nem no Prado nem no monte,
qualquer ente que dissesse
coisas que a gente entendesse
numa linguagem tão linda
que, ao ouvi-la, nós ainda
nós julgássemos no céu.
As flores são muito belas
mas a fala é-lhes vedada!
São formosas as estrêlas
mas, também, não dizem nada!
Tem alguma voz o vento
mas é áspero e violento
e não faz mais que correr!
As feras, também, a têm
mas fazem estremecer!
Por isso eu vivo a chorar.
Que desgraçada sou eu!
Ah! Quem me dera voltar
para o vasto e lindo céu!»

(Continua na pág. 6)

trabalho, poderiam produzir tão lindos
minuciosos relevos. Cada uma destas
flexas se destinava a penetrar no coração
de três membros duma família indígena, à
qual um outro guerreiro votava um ódio
mortal.

Um dia eu viajava na companhia dum
missionário quando nos safu ao encontro
de um prêto gigante que assim nos inter-
rompeu:

«Branços! Tenho muito marfim, muito
ouro, escondidos. Dizem que é um tesouro
que eu possuo. Mas isso não vale nada.
Quanto três pessoas duma família vive-
rem, eu não poderei dispôr, em paz, do

meu tesouro. Esta idéa consome-me e eu
sinto-me doente. Qual, de vós dois, me po-
derá dar saúde e as forças precisas para
poder dar cabo daqueles três inimigos?
Aquele que o conseguir, levá-lo ei junto do
meu tesouro e disporá dele como quizer.»

— «Eu trato de ti.» — disse-lhe eu.
— «Eu livro-te dos teus inimigos, — (dis-
se-lhe o missionário.) Farás, para cada um,
uma flexa em marfim e nela desenharás,
em relêvo, tôdas as curvas mais lindas que
mostrarem as voltas caprichosas do teu
pensamento. Assim vencerás o poder que
protege os teus inimigos. O conselho do
missionário foi excelente. Quando o velho

soba concluiu as suas flexas, o trabalho e
a paciência fizeram, mais talvez que os
meus medicamentos, a cura daquele homem,
porque alcançara, vencendo-se, uma grande
vitória sobre os seus inimigos.

E agora, Toninho, aqui tens a última das
armas: — A minha carabina! Levei-a
para me defender de todos os perigos. O
estudo pode mais do que ela, porque me
levou a conhecer os maiores perigos e a
vencê-los com as armas infelíveis da fé, do
amor, do trabalho e da paciência.

Aqui tens, Toninho, as armas da tua
panópia São estas as que mais te
conveem!



O PALÁCIO ENCANTADO

(Continuação da página 3)

te foram ouvidos pela população da floresta, que para lá se encaminhava já.

Uma vez chegada, a surpresa encheu de alegria aquela pobre gente, cuja miséria era agora maior, devida à destruição da floresta pelo gigante selvagem.

A um canto, jazia o gigante que tão feroz e selvagem tinha sido!

Não se pode avaliar a alegria daquela gente, e ainda a sua satisfação não estava terminada, quando, por encanto, surge da porta do palácio, trazendo enrolada ao corpo a serpente vencedora, a Princesa Encantadora que a todos explicou:

«O mistério do Palácio Encantado era eu. Agora já podeis viver tranquilos.

Prometi ao meu povo vingar a morte de meu pai, o Rei Bondoso, morto por este selvagem que tanto tempo nos dominou com as suas ferocidades e o seu terror. Jamais voltaria ao meu reino enquanto tal não conseguisse. Agora, que a sua astúcia e valentia foram dominadas por este ardil, eu a ele volto, tranqüila e contente, deixando-vos este palácio para onde podeis vir viver e esta serpente, poderosa, que será a vossa guarda.»

E, dito isto, desapareceu. Assim se descobriu, o mistério do Palácio Encantado.

A LENDA DOS PASSARINHOS

(Continuação da página 5)

Escutou Nosso Senhor
o que a fonte murmurava.
Depois, ergueu-se e lá foi
pelos campos a sorrir.
Em qualquer coisa pensava!

Nessa noite, com carinho,
pegou no que belo havia
para fazer uma obra
que maravilha seria.
Pedi as asas aos anjos,
às flores a formosura,
as harmonias ao céu,
e aos corações a ternura.

Depois, com jeito,
e amor
tudo em sua mão juntou,
tirou

do céu uma estrela
pondo-lha dentro do peito
e o novo ente que formou
pelos espaços enviou.

Dai a pouco, com pasmo,
a fonte viu, a seu lado,
um novo ente inegalado
com uma voz que lembrava
as lindas vozes dos céus

e asas como as dos anjos.
E quando esse ente soltou
suas endeixas formosas
ouviu-se falar as rosas,
as rochas, as violetas
e as cintilantes estrélas.
Ouviram-se coisas lindas,
modulações maviosas.

Nosso Senhor, que é bondoso,
para a fonte contentar,
tinha feito os passarinhos,
fizera tudo falar!

Desde então, entre alegrias,
vão falando as cotovias,
os rouxinóis, os pardais
e muitas mais
avezinhas
com as fontes
verdejantes,
com as formosas florinhas
e as tão rútilas estrélas.
Quem as puder escutar,
tendo o dom de as entender,
há-de-se maravilhar
com tudo o que ouvir dizer,
pois ouvirá as melhores
coisas que nos deixou Deus:
As harmonias dos céus
na voz dos astros e flores.»

Calou-se a mãe e um silêncio
profundíssimo reinou.

Só se ouvia o tic-tac
dum relógio que vibrou,
pouco depois, dando as doze
badaladas do meio dia.
E mais nada ali se ouvia.

Bébé, como indiferente,
parecia
nada ouvia.

Meditava fundamentalmente.

Então, a mãe, admirada
por ver o seu filho assim,
disse: «Em que pensas, filhinho?»

E ele, como despertando,
murmurou com estranho som:
«Que Nosso Senhor é bom!»

F
I
M

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS

Só no próximo sábado, dia 24, reúne o júri para apreciação e sorteio das cadernetas deste interessante concurso. No Pim Pam Pum imediato publicar-se-á, então, a lista dos concorrentes admitidos e classificados.

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



22

Quando aquele rei malvado
Quiz esta terra de heróis
Por sob as garras ferinas
Do rei dos maus espanhóis,

Nem todos, à fôrça de ouro,
Se fingiram nidifrentes,
Houve inda funda revolta
Em muitos peitos valentes.

Um, nas côrtes de Almeirim,
Vibrando de Pátrio Amor,
Gritou que se não queria
Um estrangeiro senhor.

Pois qualquer rei que não fôsse
Na nôssa terra nascido,
Nunca seria, decerto,
Respeitado e obedecido.

E disse mais coisas belas
Que o verso humilde não diz.
Foi um luso mais que ilustre.
Chamou-se



25

Agora, para falar
De quem fez só coisas belas,
Meus versos são pobre mica
Junto de lindas estrêlas,

Era um gênio extr'ordinário
Como nunca apareceu,
Pois punha coisas da terra
Na doce língua do céu.

Foi um herói nas batalhas,
Versos como nenhum fez,
Amou até ao delírio,
— Em tudo foi português.

Depois, a tão linda terra
Que lhe servira de berço,
Fez mais linda do que os astros
Cantando-a em rútilo verso.

E ainda hoje, em nossos peitos,
Faz bater os corações,
Com versos que são prodígios!...
Já sabeis... este é *Luís de C.*



24

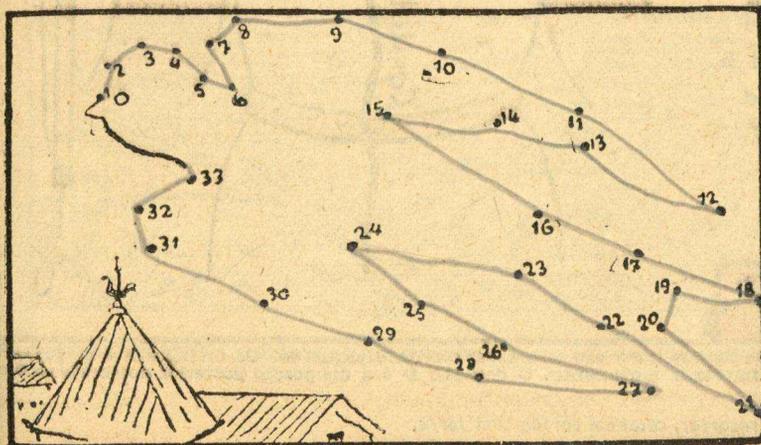
Quem soubera, em tôda a parte,
Com tanto brilho lutar,
E fôra, sem sentir medo,
Por sôbre as águas do mar,

Não podia ser escravo,
A estranhos obedecer,
Sem pegar nas suas lanças
E, com fúria, combater.

Assim, quando D. Felipe
Quiz nesta terra mandar,
Houve alguém que a voz erguendo
Chefiou quem quiz lutar.

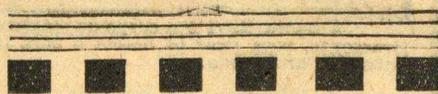
E reinou ainda uns dias
Nêste povo inegalado,
Mas em Alcântara foi
Por espanhóis derrotado.

E por fôrças perseguido,
Sofrendo o mais duro trato,
Foi morrer longe e esquecido
O nobre

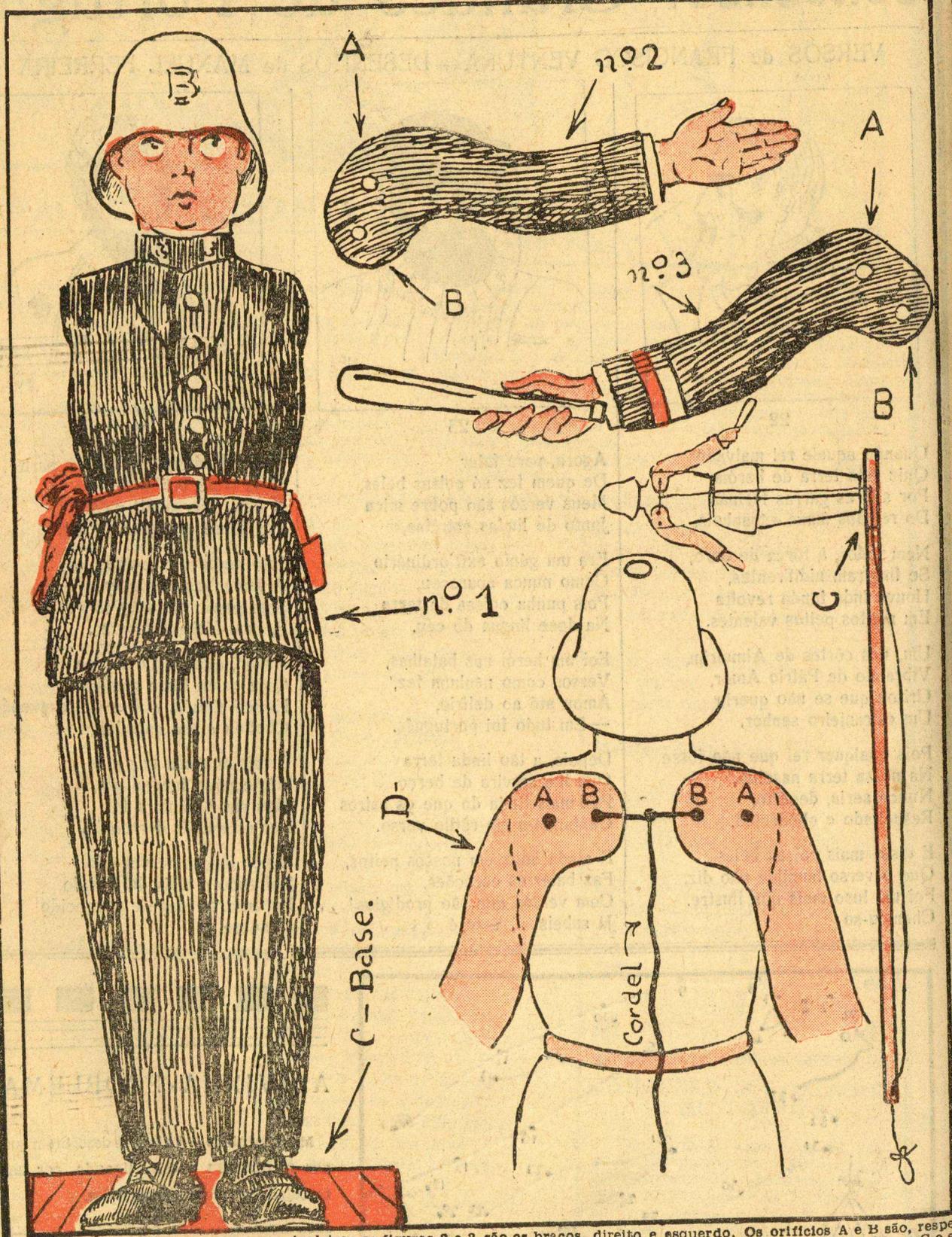


ADIVINHA-PROBLEMA

Meus meninos — Vejam se descobrem que ave mensageira é esta, ligando, por um tracejado, os pontos numerados.



POLICIA SINALEIRO



A figura N.º 1 é o corpo do sinalheiro; as figuras 2 e 3 são os braços, direito e esquerdo. Os orifícios A e B são, respectivamente, para fixar os braços e para lhes imprimir movimento. O desenho D é a disposição posterior dos braços e C o esquema do brinquedo.

AVISO: - Não esquecer, antes de recortar, colar em cartão bem forte.